



10º Domingo depois de Pentecostes (24.07.05) Próprio 12

1ª leitura - I Reis 3.5-12

Estamos diante de um diálogo interessante entre Deus e Salomão, então rei de Israel. Salomão praticava as mesmas coisas que o povo. Ele sacrificava nos montes em altares diversos, pois ainda não fora construído um templo dedicado ao Senhor. Salomão havia recentemente casado com a filha do faraó rei do Egito, levando-a para morar com ele em Jerusalém. Seu reinado durou de 970 a 931 aC.

Deus fala com Salomão através de sonhos e lhe pergunta o que ele quer. O rei poderia pedir muitas coisas interessantes para ele e para o seu reino. Poderia ter pedido riquezas abundantes, mulheres formosas para satisfazer-lhe os desejos, cavalos de raça, escravos magníficos e inteligentes e muito poder para governar com tranqüilidade e domínio sobre todo o povo. Ele poderia também pedir domínio sobre outros povos e se tornar soberano absoluta no mundo inteiro.

Mas algo nos chama a atenção neste diálogo entre Salomão e Deus: A postura de humildade do rei. Ele, embora com idade em torno dos vinte anos disse claramente que não passava de uma criança. Ele tinha consciência de sua incapacidade e falta de experiência para governar um povo tão grande. Então após exaltar a bondade do Senhor, pede a Ele sabedoria para governar o povo (v.9). Embora tenha cometido muitos erros em seu reinado e em sua vida pessoal, Salomão, entretanto, fez uma boa administração e construiu um belo templo para Deus, uma jóia rara da arquitetura.

Precisamos de governantes que tenham o senso de sabedoria de Salomão! Nesses dias de mazelas políticas e de corrupção declarada, nada melhor do que buscar a sabedoria de Deus para governar a nação. O versículo 10 diz que as palavras de Salomão agradaram ao Senhor e então Deus prometeu a ele muitas bênçãos para sua vida e reinado. (*Rev. Haroldo Mendes*)

2º. Comentário - Depois da sucessão revestida de violência, intrigas, crueldade e coisas que representam as trevas nos primeiros dois capítulos da história dos reis, temos aqui um começo bom, o começo na oração. Mas é preciso ter uma noção geral da perspectiva da obra na qual o capítulo em apreço está inserido.

Aqui W. Brueggemann nos ajuda. Existe uma ironia em torno de Salomão: o rei sábio termina sendo ignorante em coisas importantes. O rei que ama Yahweh acaba amando mais as mulheres que subverteram a sua fé. O rei que encarnou a esperança de prosperidade e bem estar acabou oferecendo ao seu povo apenas opressão. O rei que pretendeu obedecer a Lei veio a ser submetido às severas críticas proféticas. O Templo construído como sinal de obediência veio a ser o sinal de "aprisionamento" de Deus. É interessante que ao perfil do rei falta compaixão.

O trecho em apreço começa no v. 5, mas é bom prestarmos atenção aos primeiros versos. Há certa ironia ali. No ambiente em que há oferendas de sacrifícios



nos lugares altos (idolatria), Salomão está construindo o Templo. E ele se torna genro de Faraó, um estilo alternativo de Israel donde os escravos são libertados. Então, é um retrocesso. Além disso, enquanto construía o Templo com amor a Yahweh, Salomão oferecia sacrifícios nos lugares altos.

A despeito disso, a oração de Salomão expressa pureza de coração e é uma celebração (memorial) importante dos atos de Deus. Não começa com pedidos, embora Deus lhe tenha dito: "peça!". O que o rei pede não é para si, mas a capacidade de exercer o governo em favor do povo que não é seu, mas de Deus. Em poucas palavras, a capacidade de ouvir, discernir e julgar, dons necessários não só aos homens e mulheres públicos, mas a qualquer pessoa, na perspectiva cristã.

Por meio da ironia, a leitura de hoje aponta para o reinado de Deus e sua cidadania. A ligação entre o Evangelho e o Antigo Testamento neste domingo, esteja, talvez, no Reinado de Deus e seu mistério. (*Dom Sumio Takatsu*)

Epístola - Romanos 8:26-34

Pode-se, então, estabelecer uma relação muito íntima entre o texto da primeira leitura (a oração de Salomão) e o texto de Romanos. A oração é parte integrante da vida cristã. Podemos orar de várias maneiras – espontaneamente ou utilizando orações escritas, seja no contexto comunitário (a liturgia) ou em nossas devoções pessoais. Mas jamais devemos nos esquecer que, conforme Paulo, é humanamente impossível orar como convém: Nunca devemos nos esquecer disso quando oramos: estamos fazendo algo humanamente impossível. Conversamos com alguém que não é simplesmente "alguém ao lado de outros", mas que está mais perto de nós que nós mesmos, que nos conhece melhor que nós mesmos.

A solução para esse paradoxo é apresentada de forma misteriosa: o abismo entre nós e Deus só pode ser vencido por Deus mesmo e por isso é Deus mesmo quem ora em nós e através de nós. A afirmação "Deus mesmo em nós" é o que significa Espírito. Espírito é outra palavra para designar a "Presença de Deus" no ser humano. A afirmação de que o próprio Espírito de Deus intercede por nós reforça a idéia de que Deus conhece nossas reais necessidades. Porque a oração é humanamente impossível, ela nos leva a um nível profundo de consciência, algo acontece que não pode ser expresso com palavras. Palavras, criados por e usadas em nossa vida consciente, não são a essência da oração. A essência da oração é o ato de Deus que está agindo em nós e nos conduz à totalidade do seu próprio ser.

8:29-30 – Há nesse trecho um acúmulo de verbos que designam a iniciativa de Deus em relação a nós: Deus (1) nos conhece; (2) nos predestina; (3) nos chama; (4) nos justifica; (5) nos glorifica. Mais importante que tentar explicar tais termos no espaço de homilia, é enfatizar a realidade maior de que toda nossa vida espiritual depende da iniciativa de Deus, e não de nossas próprias capacidades. Nós não escolhemos ser cristãos; é Ele quem nos predestina e nos chama; nós não nos justificamos; é Ele quem nos justifica. Conseqüentemente, a esperada glorificação futura também é obra Dele.



8:31-34 - Diante de tamanho mistério, Paulo afirma que, se recebemos de Deus a salvação, a libertação, o Espírito (conseqüências do fato de que "Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós") por que temer as adversidades? Não há quem possa nos acusar tampouco nos condenar, pois o Cristo ressuscitado intercede por nós. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

Santo Evangelho - Mateus 13.31-33, 44-49a

Temos aqui cinco parábolas agrupadas. São metáforas usadas por Jesus para falar do mistério do Reino de Deus ("Reino dos céus", na linguagem de Mateus), do poder transformador desse Reino e da alegria dos que têm no Reino o valor maior de suas vidas.

O Reino é como uma semente de mostarda – pequena e insignificante, mas que traz no seu interior um poder surpreendente que será plenamente revelado na sua maturação. O Reino é assim – ainda em construção, ainda crescendo. Essa parábola serve para acalmar nossa ansiedade e fazer-nos compreender que cabe a nós a função de semear a semente, mas que a dinâmica do seu crescimento não depende de nós.

O Reino é também como o fermento que transforma a massa. O verbo usado ali é "ocultar" ou "esconder". Trata-se mais uma vez do poder misterioso e às vezes imperceptível da presença do Reino em certas realidades e de seu poder sempre transformador.

As duas parábolas seguintes (tesouro escondido num campo e pérola) falam do comportamento próprio daqueles que compreendem o mistério e o poder do Reino e que são cativados por esse poder. A alegria é tanta que, em prol do Reino, vale a pena investir tudo o que se tem.

A parábola final retoma a temática do joio e do trigo, mas agora a comparação é feita a partir de peixes. E agora fala de juízo: alguns peixes são lançados fora. O importante, mais uma vez, é lembrar que quem efetua o juízo não somos nós (pois todos estamos na condição de peixes), mas na linguagem bíblica, "os anjos" é que efetua a separação. Pelo fato do Reino ser "de Deus" e não nosso, sempre é bom lembrar que também estamos sob seu juízo. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).